

RELIGIÃO ■ Obras de Ali Kamel e Jason Burke ampliam compreensão da dinâmica do terror

Islã: da sabedoria aos degenerados

Sobre o Islã

ALI KAMEL

Nova Fronteira
320 páginas, R\$ 34,90

Al Qaeda, a verdadeira história do radicalismo islâmico

JASON BURKE

Jorge Zahar
360 páginas, R\$ 49,90

■ O tecelão da concórdia e da harmonia

O texto do jornalista e sociólogo Ali Kamel a respeito do Islã é, acima de tudo, um convite à reflexão. É preciso se desarmar de convicções prévias ao iniciar a leitura, porque poucas resistem ao escrutínio sereno e bem fundamentado do autor, filho de um muçulmano com uma católica e casado com uma judia. Como um paciente tecelão, Ali trafega pelo Antigo Testamento, pela Torá e pelo Alcorão, entre outros escritos, com idêntico cuidado, alinhavando aqui e ali os pontos nos quais as três religiões se encontram e, principalmente, porque a partir deles se separam. O resultado surpreende principalmente pela capacidade de relativizar as acusações de radicalismo e violência histórica atribuídas como generalização ao Islã depois do 11 de setembro.

O essencial nesse belo trabalho de comparação e exegese está na permanente correlação de cada aspecto abordado das três religiões com o contexto histórico dentro do qual surgiu. Desse distanciamento emana a compreensão equilibrada das Suras e versículos, tanto quanto a degeneração de seus significados. A violência, segundo o autor, é um elemento constante em todos os ditames sagrados, mas nunca de forma gratuita ou exclusiva dos povos islâmicos. A saga de Deus nas três crenças monoteístas parece surpreendentemente próxima por esse aspecto, o que reforça a sua própria divinização. A mesma trilha expõe as discussões sobre questões associadas a um "atraso" no mundo islâmico, como o papel da mulher e o uso do véu, entre outros.

Longe de ser um tratado, *Sobre o Islã* força o leitor a um exercício de autocontrole e revisão. Com isso, amplia a compreensão do que efetivamente representa o terror islâmico no caldo geral das culturas muçulmanas, nada mais que uma captura, uma deturpação. Osama Bin Laden, auto-intitulado califa, jura matar e morrer pelo Alcorão; mas Ali Kamel mostra como o chefe terrorista falsificou as Escrituras para redigir um versículo ficcional. Sua famosa declaração de guerra ao Ocidente, o chamado à Jihad, nada mais é do que a soma de dois trechos completamente distintos para dar a ilusão de que o Profeta, em algum momento, tinha ordenado a recriação das cruzadas.

Os contrastes de interpretação estão por trás do sucesso como meio de propaganda. Sunita, Bin Laden precisava de um texto explícito para convencer os seus. Já para os xiitas, a quem jura desprezar mas que em suas mensagens não discrimina, saiu-se com visões e sonhos, 'manifestações' do próprio Maomé, como os alicerces da batalha pessoal que diz travar.

O livro deixa claro o quanto essas manobras são distanciadas do verdadeiro sentido pacífico da religião e de que forma passaram a servir a um ideário de ódio contaminado pela falta de perspectivas sociais e pela força de ditaduras corruptas e sanguinárias no mundo árabe. A diferença entre xiitas, cujo Islã é reflexo da interpretação emocional, e sunitas, para quem os textos são claros, é esclarecedora. Ali Kamel, acertadamente, estipula um papel sombrio da Casa de Saud, na Arábia Saudita, na culpa pelas deturpações.

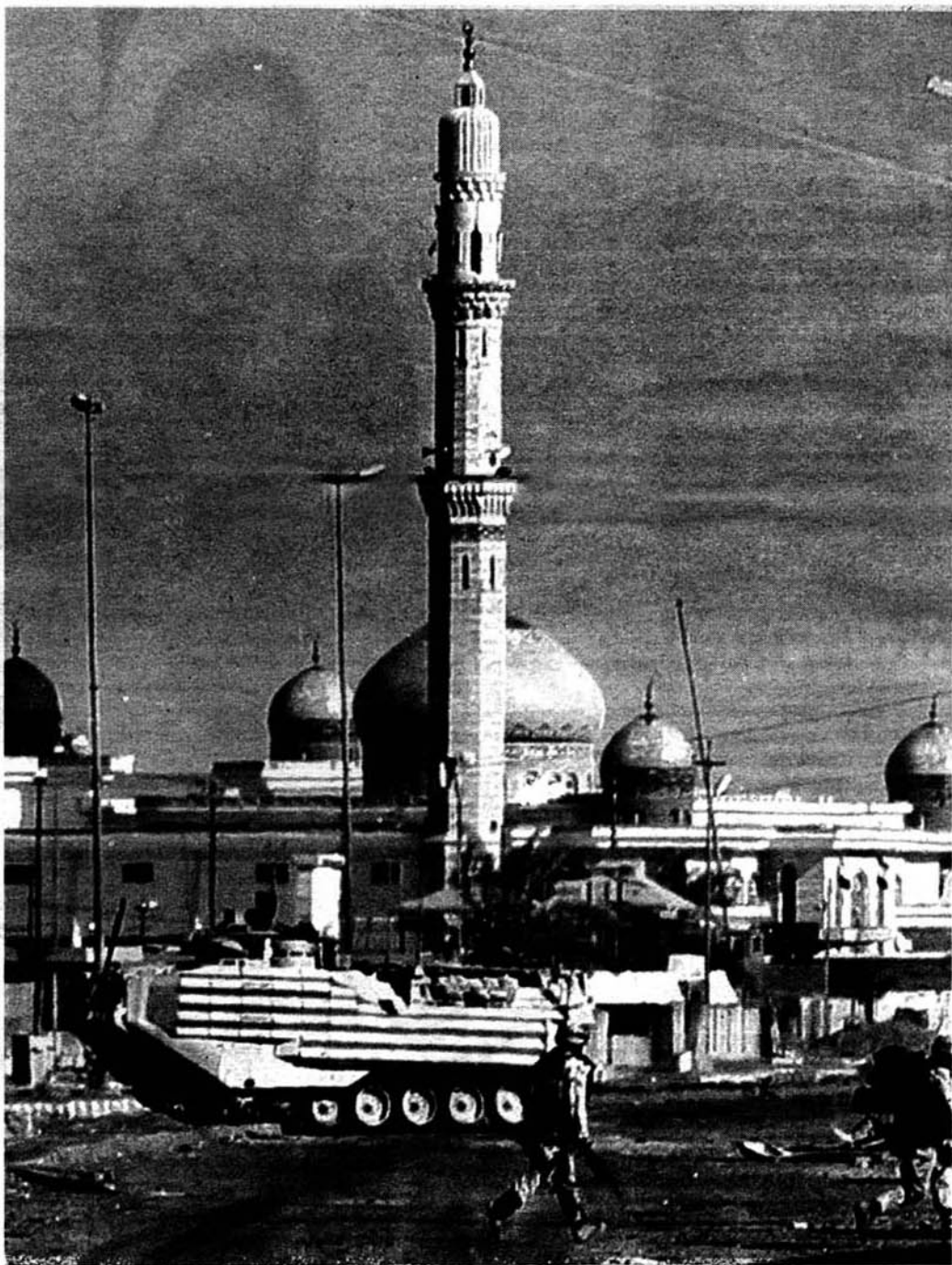
Marcelo Ambrosio

A passagem do último aniversário dos atentados de 11 de setembro nos EUA foi marcada por um sentimento diferente: o fim do luto. Do ponto de vista histórico, o significado disso é especial por tratar-se da primeira janela aberta pela ferida emocional para um debate histórico que elucide mistérios e reduza mitos a pó. Dois livros cumprem esse papel magistralmente. *Sobre o Islã — A Afinidade entre Muçulmanos, Judeus e Cristãos e as Origens do Terrorismo*, de Ali Kamel e *Al Qaeda: a verdadeira história do radicalismo islâmico*, de Jason Burke.

Ambos são ótimos trabalhos de pesquisa, unidos pela serenidade objetiva de quem tem argumentos sólidos para sustentar o que pretende. No primeiro, Ali Kamel realiza a proeza de tecer os paralelos mais difíceis, dada a sensibilidade do tema, entre islamismo, cristianismo e judaísmo. Com um texto claro, ob-

jetivo e filosoficamente coerente, conduz o leitor pelo fio que tece a trama na qual as três crenças mais fortes do planeta estão unidas. A sabedoria está no equilíbrio com o qual Ali caminha por este campo minado, uma tarefa desafiadora dado o fato de que essas vinculações estão invisíveis seja pela ignorância geral, seja pela carga de simplificação teórica que consolidou muitos conceitos sobre o Islã pós 11/9.

Já Jason Burke é um fenômeno. Britânico, correspondente do *Observer*, morou por muitos anos na zona de sombra entre Paquistão e Afeganistão na qual a Besta cresceu longe das vistas do Ocidente. Fluente em árabe, farsi (falado por iranianos e xiitas) e urdu (a língua principal afegã) o jornalista dissecou as entranhas do que foi a rede terrorista e no que se transformou depois da invasão de 2001, revelando suas origens reais — sem a 'interpretação ocidental' — através da compreensão particular que os militantes de Osama Bin Laden têm do Alcorão.



O Islã e a guerra: religião é usada como pano de fundo para disputas que pouco têm a ver com fé

As surpresas são muitas, principalmente quando se revela um caráter cotidiano, do homem comum, por trás dos textos sagrados. São palavras, como a costura de Ali Kamel mostra, capazes de responder a demandas normais em um tempo nas quais funcionavam como marco de lei nas relações humanas, sociais e políticas. Sua força residia na capacidade de impulsionarem o diálogo como forma de não só resolver as diferenças, mas como de exercitá-las no sentido Divino do livre-arbítrio: Citando uma passagem do Talmude descrita por Amos Óz, Kamel descreve como dois rabinos discutem exaustivamente e Deus decide intervir para resolver. Porém ambos pedem que Ele os deixe em seu debate. Deus aceita.

Estabelecidas as nuances entre sunitas e xiitas e a origem dos choques culturais com o Ocidente, o autor se credencia a determinar em que ponto a cooptação do terror islâmico mimetizou o islamismo para a própria farda. A falsa *fatwa* de Bin Laden é apenas parte desse quadro. O ponto central está não só na transposição quase teatral de passagens importantes do Alcorão, como na leitura da submissão à fé islâmica como um gesto obrigatório e impositivo a todo o mundo, não apenas a aquele voluntário que deseja acolhê-la. O Alcorão não diz isso, mas as massas acreditam nessa profecia. A essa manipulação, com rara felicidade, Ali Kamel chama de totalitarismo islâmico em contraposição ao fundamentalismo.

Há só um senão na obra. Os capítulos finais são uma defesa da invasão do Iraque pelos EUA e da existência de vínculos possíveis entre a Al Qaeda e Saddam Hussein. De forma corajosa por remar contra a maré, Ali Kamel apóia as decisões de George Bush. Porém, ao contrário do que obteve com a feliz decupagem das Escrituras, aqui as fontes o traem. Ainda que Saddam fosse uma ameaça, não há justificativa para o fato de a maior nação do planeta ter ido à guerra empurrada por um dossiê falso. O escândalo do urânio de Niger expôs a manobra da Casa Branca, que, além da mentira pública, tornou-se cúmplice de um crime federal: como vingança por ter sido desmascarada, revelou a identidade da agente da CIA casada com o embaixador que o desmentiu,

■ Al Qaeda, um conceito 'self service'

O inglês Jason Burke é corajoso. Foi um dos primeiros jornalistas ocidentais a entrarem em Cabul depois da fuga dos talibãs. Passou dois anos também no Iraque, entre 2003 e 2004, período crítico nas ações da guerrilha. Conhece como poucos os dialetos locais e, principalmente, a relação entre o Alcorão e a mentalidade distorcida de Osama Bin Laden, que não só se julga um descendente de Maomé como procura justificar isso tomando seus atos cópias alegóricas e metafóricas dos ensinamentos do Profeta.

Está nesse conhecimento o maior valor do livro, o de mostrar que as agressões da Al Qaeda resultam de interpretações — a maioria de conveniência mas sem acurácia — dos textos sagrados. Para o autor, a história dos terroristas está tanto nas Suras e na cínica da manipulação do seu significado, quanto do desconhecimento que deforma e mistifica a dimensão para os ocidentais.

Em entrevista ao *JB*, Burke repisa a tese central da obra. A de que o líder da Al Qaeda sempre usa de discursos adequados à audiência. Recentemente, no aniversário do 11/9, exortou os americanos a se converterem ao Islã.

— Osama fala aos árabes e à população islâmica como se pudesse fazer com que se levantassem apenas por suas palavras. Tentar jogar americanos contra o seu próprio governo é uma idiotice e mostra o grau de conhecimento político e da América que tem. Ele só é claro ao dizer sempre a razão pela qual ataca.

O eixo central do livro é um esforço para demonstrar que a Al Qaeda já teve muitas caras em quase 20 anos desde sua formação. Burke garante que, na atual fase, onde a estrutura militar foi destruída e a liderança dispersa, sobrevive pelo conceito, com homens menos proficientes tecnicamente, porém difíceis de serem notados. E que atuam por inspiração do modelo da rede, não sustentados por ela.

— A Al Qaeda trocou profissionalismo por resistência. Mas a ameaça continua séria, diz, inserindo-a no contexto de um desafio de gerações para definir o lugar do Islã nas múltiplas identidades do mundo globalizado. — Há problemas profundos a serem resolvidos no Oriente Médio e em outros locais — completa.

O grande mérito do texto é o de passar uma mensagem otimista em relação ao futuro, baseada em conclusões possíveis dado o conhecimento do autor, não só da região, mas do modo de pensar dos radicais. Para Jason Burke, o fato de a imensa maioria do mundo islâmico não ter cerrado fileiras com o terrorismo seis anos depois do grande ataque é o maior sinal de que o modelo sonhado por Osama não vingou.

— Há tensão e radicalismo, mas não na dose suficiente para incendiar as massas. A idéia de que o muçulmano é fanático e não pode viver em um regime democrático é falsa.

Quanto a Bin Laden, o livro de Burke deixa claro que a eliminação do terrorista pouco efeito fará no terrorismo. Para o autor, Osama é hoje mais um ícone, ou "poster boy", como define, do que um líder.

— A radicalização depende de temas mais poderosos do que a morte de um homem. Ele não é indispensável — conclui.

REUTERS